

CONTRIBUIÇÕES À ETNOGRAFIA AÇOREANA

COM DESENHOS DE MADUROS DIAS

I. Moinhos de mão na Ilha Terceira

O moinho de mão, espalhado pelas ilhas tanto dos Açores como da Madeira, ainda nalguns lugares em plena actividade embora cada vez menor, é uma verdadeira reliquia do passado. No continente vem dos tempos pré e proto-históricos, como provam os restos dele encontrados em escavanes, muito frequentes e generalizados, a ajuizar pelo seu grande número.

Opina Alberto de Sampaio (*Esiudos*, 1-28 e 103) que as mós manuais vulgares ãas ruínas dos nossos castros e semelhantes às contemporâneas da Gália e da Irlanda, não resultaram da *mola manuaris romana*, cuja forma é diferente. São a continuação das mós pre-romanas em uso na moagem de cereais até à introdução dos moinhos de água, que não tardaram muito a aparecer e em breve se vulgarisariam, graças à abundância de correntes aproveitáveis como força motriz.

Existem em diferentes regiões, Norte de África, Ilhas Jónicas, Albânia, Bósnia, Nordeste e Leste europeu, bem como na Península Ibérica (*Léxico*, 72). Em Portugal ainda hoje se encontra e, no parecer de Leite de Vasconcelos (*Museu*, 65), há dois tipos, o do Norte (Beira) muito primitivo, constando apenas duma pia de pedra com um rebólo da mesma substância dentro, e o do Algarve, bastante regular.

O Prof. Tavares da Silva (*Vocabulario* passim) descreve a *moinhola* de Castelo de Vide, que esmaga o cereal entre duas pedras sobrepostas, das quais a superior é directamente deslocada a braço, á semelhança do que se praticava na idade da pedra polida, e a mósinha de mão do Algarve, pouco mais ou menos a mó manual pre-romana “constituída por dois discos de pedra sobrepostos um ao outro, movendo-se o rolante circularmente sobre o jacente por meio dum cabo de madeira**.

Do moinho do Algarve há um belo desenho de Alberto de Sousa na *Terra Portuguesa* e outro do moinho do Norte na *Portucale*, 2. série, N^{ns}. 16 e 17.

Na ilha da Madeira e na do Porto-Santo usa-se o moinho de mão semelhante ao algarvio. Descreve o primeiro Káte Brüdt (*Madeira*, 294) nos seguintes termos: “Sobre a mó inferior, guarnecida dum rebordo de pedra, gira a mó superior. O rebordo de pedra, cerca de 10 centímetros, é interrompido num lado de maneira a dar saída pela abertura ao cereal moído. O eixo é urna cavilha de ferro fixa no centro da mó inferior. A cabera redonda da cavilha atravessa um pedazo de pau encaixado na abertura central da mó superior. Mete-se um pedazo de madeira redondo, que serve de cabo, num dos orificios da mó superior. Nos moinhos maiores, até cerca de 75 centímetros de diâmetro, prolonga-se, para facilitar o trabalho, o cabo de forma que este encaixe com urna extremidade num barroto saliente do muro. É mais fácil mover o eixo que gira com as duas pontas em orificios adequados do cabo, que é curto. Não vimos em nenhum dos moinhos descritos eixos que atravessem completamente as duas mós com um mecanismo para alterar a posição delas”.

Não diverge sensivelmente deste o moinho de mão do Porto-Santos descrito por Eduardo Pereira (*libas de Zargo*, 1-318), nem o moinho aliano da ilha de São Miguel descrito por Leite de Athaide (*Etnografia*, 162) e Carreiro da Costa (*Alfaia*, 96), salvo no emprego de cunha para aproximar ou afastar as mós e aumentar ou diminuir a pressão, que em São Miguel se encontra.

Dos desenhos de Káte Brüdt e Carreiro da Costa, bem como de urna gravura publicada por Eduardo Pereira, se vê que este tipo de moinho é portátil e semelhante ao do Algarve.

Os irmãos Joseph e Henry Bullar, que na primeira metade do século XIX estiveram nos Açores e escreveram um livro — *A Winter in the Azores* — traduzido pelo Dr. João Anglin e publicado na *Insulana* IV, pag. 207, falam dum moinho de mão, diferente do descrito por Leite de Athaide e Carreiro da Costa, por ter dois cabos na mó superior girante. No chão, sobre urna esteira coberta com um paño no qual estendiam outro, punham o moinho, e duas mulheres, sentadas urna em frente da outra, cada urna empunhando seu cabo, faziam girar a mó com velocidade. Este tipo perdeu-se provavelmente, pois não se encontra outra noticia dele.

Na ilha Terceira o moinho de mão é mais desenvolvido e aproxima-se do moinho movido por animal (*atafona*), já descrito no *Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais no Arquipelago dos Açores*, N^o 1, pág. 42.

Este moinho de mão (Altares) é formado por duas mós circulares de 0,80 no centro e 0,05 nos bordos, adaptando-se urna á outra.

A mó superior tem no centro um orificio de 0,10 de diâmetro, que a atravessa de face a face, por onde, com a mão, se deita o cereal a moer.

O eixo de madeira cilíndrico atravessa as duas mós, apoiando-se superiormente numa régua de madeira com um encaixe, diametralmente entalada no orifício da mó, e inferiormente numa régua colocada por baixo das mós, disposta por forma que, com auxílio de pequenas cunhas ou calaos, afasta ou aproxima a mó volante da fixa, aumentando ou diminuindo a pressão para produzir farinha mais ou menos fina.

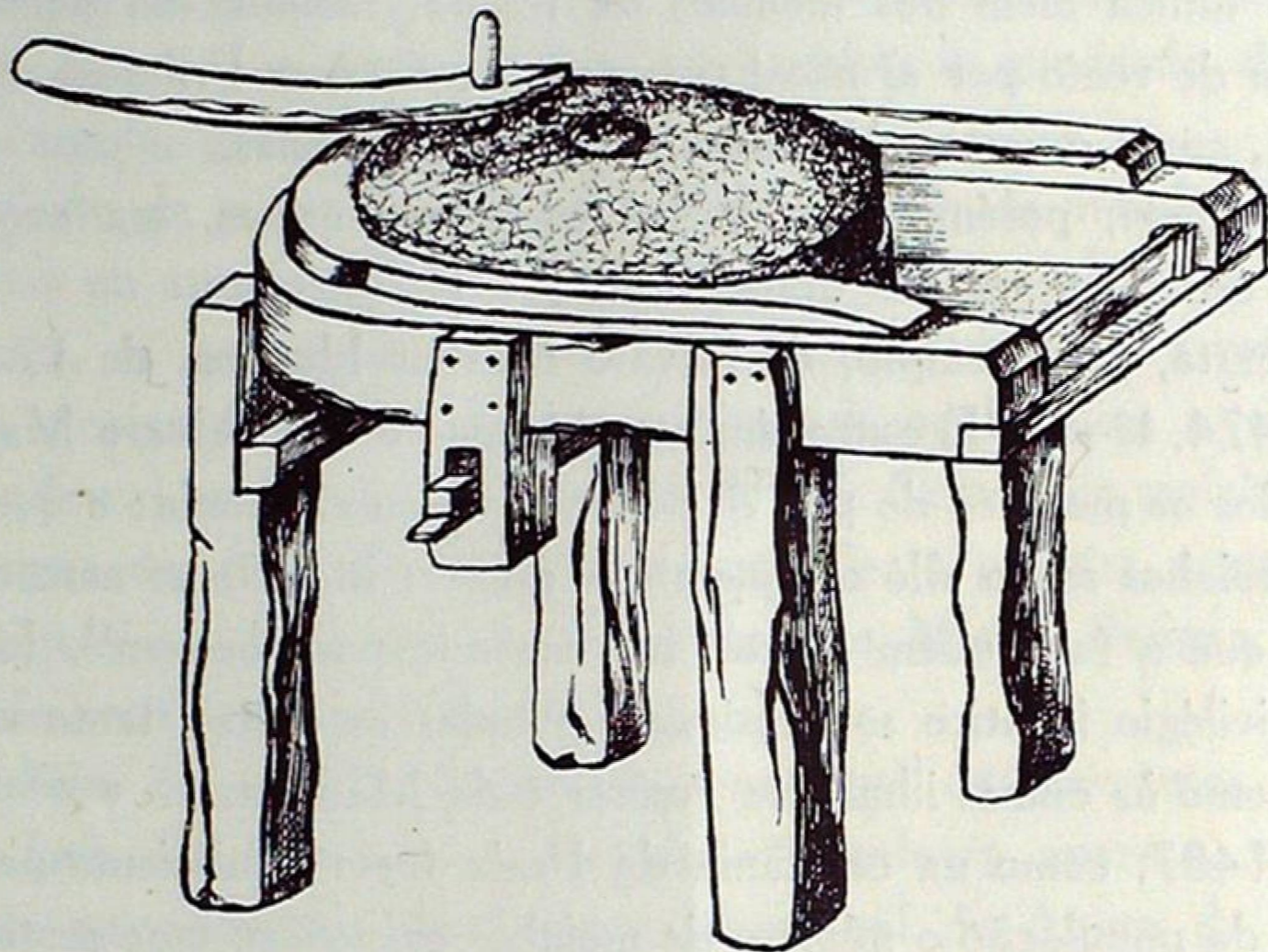


Fig. 1

Na mó superior há ao lado, à distância dum $0,^m20$ do centro, um orifício onde se encaixa o cabo de madeira destinado a imprimir movimento à mó.

Neste cabo, para facilitar a rotação diminuindo o esforço, prende-se uma alavanca, pedazo de pau um pouco curvo de $0,^m53$ de comprimento com um orifício na extremidade, que se enfia no cabo.

A mó inferior está fixa numa mesa de madeira em forma de ferradura, com rebordo para encaixar e segurar a mó dormente, e uma abertura de $0,^m38$, prolongada na frente cerca de $0,^ra22$, para aparar a farinha que sai de entre as mós, fechada com uma régua, que se abre em guilhotina, para a farinha não cair no chão.

A mēsa apoia-se em quatro pés com $0,^ni68$ de altura.

Na parte inferior da mēsa corre de lado a lado a régua em que assenta o eixo, pousada nas extremidades sobre pequenas cunhas de madeira metidas num pequeno rectângulo junto aos pés para, como já se disse, aproximar as mós, aumentando-se o número ou o tamanho das cunhas.

A persistência do moinho de mão nas ilhas, designadamente na Terceira, deve atribuir-se a causas históricas.

Nelas, logo no início do povoamento, foram introduzidos os moinhos mecânicos acionados por forjas naturais.

Luis Teixeira, em 1587, informa haverem na Ribeira dos Moinhos, que atravessa a cidade, 18 moinhos de água por ela movidos e 15 na Ribeira da Agualva (*Documentos*); Linschot na carta que levantou em 1595 (*Histoire*) indica além dos moinhos da ribeira, moinhos no Monte-Brasil, sem dúvida de vento por aí não haver água; e Gaspar Frutuoso (*Saudades da Terra*), como diversos documentos, fala em atafonas.

A moagem, porém, segundo as respectivas cartas, era exclusivo ou monopólio dos Capitães dos donatários.

Na carta, por exemplo, de Alvaro Martins Homem, de 17 de Fevereiro de 1474, lê-se: "E outro sim me práz que o dito Alvaro Martins haja para si todos os moinhos de pão que houver na su capitania; e que ninguem faça ahi moinhos seaão elle ou quem elle quizer; isto não se entenda em modo de braço, que a faça quem quizer, não moendo para outrem". (*Drumond*, 1-49). Privilégio idêntico se consigna em todas as cartas, tanto relativas à Terceira como às outras ilhas dos Açores e da Madeira.

Em 1487, como na capitania da Praia fosse insuficiente para as necessidades da população o número de moinhos existentes, urna sentença autorizou qualquer pessoa a fazer moenda ou atafona sem pagar dízimo, até que o capitão os construísse na Ribeira da Agualva (*Documentos*, 1-78).

Para fugir ao monopólio, multiplicaram-se as mós de mão de exclusivas, e o seu uso chegou aos nossos dias.

Empregam na Terceira o moinho de mão para moer trigo e milho, este quer em farinha fina quer em farinha grossa (*carôlo*, *milho esiregado*) para papas ou para sustento de pintos recém-nascidos. Moinhos mais pequenos, embora do mesmo tipo, servem para moer café.

Em São Miguel e na Terceira chamam-lhe *moinho de mão* e no Faial *atafona de mão* (*Costumes*, 18); no continente *molnhola*, *molineta*, *mósinha de mão*, *zangarilha*, etc. (*Vocabulário*).

Como é natural, dada a semelhança do moinho terceirense acima descrito, com a atafona e os moinhos de água e vento, os nomes de quase todas as suas peças coincidem com as destes.

Mós - *pedras*

Mó superior - *pedra de cima* (Madeira *roda*; São Miguel, na azenha, *corredoura*)

Mó inferior fixa - *pedra de baixo* (Madeira *pedra*; São Miguel, na atafona, *assento*)

Eixo - *ocio* e também *piño* (Madeira *ferro*; São Miguel *üeio*)

Pontos de apoio do eixo - superior *segurelha*, inferior *tirante*. Orifício para deitar o cereal - *moega* (Madeira *incacho da grelha* (?), São Miguel, na atafona, *olho da aiafona* e na Terceira *olho da mó*)

Rebordo de madeira das mós - *caimbos* (*cambos*) e também *cambeiros*.

Cabo-frade (Madeira *pau* ou *mao*).

Alavanca adaptada ao cabo - *muleta* (Madeira *incacho do pau*).

Abertura na frente para sair a farinha - *iramonhado* (São Miguel, no moinho *iraminal* e *iramonhado* e na azenha, o quadrado da madeira onde se acumula, *guardas*).

Conjunto de pe^{as} e mesa do moinho - *monte do moinho*. Dispositivo para afastar ou aproximar as mós - *cunha*.

Moega, na atafona terceirense e nos moinhos de água e vento, é propriamente a caixa em forma de pirâmide quadrangular com o vértice para baixo, donde vai caindo o grão no olho da mó. Como nos moinhos de mão sem cobertura das mós não baja lugar para ela, a palavra passou a significar o orifício por onde entra o grão. Em São Miguel designa também o conjunto de pe^{as} ou monte da atafona.

Cambeiro é, segundo Figueiredo, cada um dos pequenos cêpos que ficam ao lado da andadeira do moinho. A palavra aparece como termo da moenda numa postura da Câmara Municipal de Angra de 1655 que impõe ao moleiro a obriga^{ção} de ter sempre os *cambeiros* bem tapados. Em Lavos chamam *combeiral* á caixa redonda de madeira, que sai pouco acima das mós e assenta na mesa de pedra do moinho (R XIX - 148).

Cambo é, segundo Figueiredo, gancho para apanhar fruta, mas na idade-média dizia-se *camba* o moinho de mão pequeno (*Legas*, 1-470) e em Arcos de Valdevez *cambas* é a denominado dos taipais verticais de madeira que ladeiam a's mós ñas azenhas e moinhos, e servem para impedir a fuga da farinha e sustentar o panal (RL XIX - 203).

Tremonhado ou *traoinhado* e *trabunhado*, é, na atafona terceirense, a m^{esa} onde se põem os taleigos, e nos moinhos o lugar, utensilio ou vaso onde cai a farinha (Figueiredo).

A designado *frade* dada ao cabo é mais um dos muitos casos de emprego metafórico desta palavra.

Na Terceira, como noutras partes do país (Figueiredo), significa também o marco de pedra posto numa rúa para impedir o transito de veículos, ou na esquina de urna casa para evitar que estes vão sobre ela e a danifiquem. Na linguagem agrícola micaelense é mais nome de urna pe^a do arado (*teiró*), do fulcro da madre do lagar, das roldanas dos carriteis do tear (*f radas*), e de um insecto. No continente designa ainda urna especie de

cogumelo (Boticas, RL XV - 336), de urna planta bulbosa (Turquel, RL XXVIII - 111), dum pequeno poste de pedra colocado sobre um muro para sustentar a trave da latada (Minho, RL XXIX - 256), etc.

Quando moem com a mão no cabo dizem na Terceira (Altares) *moer a frade*.

Monte = Monte na Terceira além do conjunto de pe[^]as da atafona e do mo[^]inho, usa-se tambem para significar o conjunto do lagar (monte do lagar).

ABREVIATURAS

Alfaia = Carreiro da Costa, *Alfaia agrícola micaelense no Boletim da Comissão Reguladora dos Cercáis no Arquipelago dos Agotes*, Nos. 5-7. 1947.

Costumes = Manuel Dionisio, *Costumes agoreanos*. Horta, 1937.

Documentos = H. Trindade Coelho e G. Batelli, *Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Italia*, Firenze, 1934.

Drumond = Francisco Ferreira Drumond, *Annaes da liba Terceira*. Angra do Heroísmo, 1850.

Esiudos = Alberto de Sampaio, *Estudos históricos e económicos*. Porto, 1923.

Etnografia = Luís Bernardo Leite de Athaíde, *Etnografia Artistica. SÓo Miguel Agotes*. Ponta Delgada, 1918.

Figueiredo = Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, 1913.

Hisioire = Joan Hugues van Linschoot, *Histoire de la navigation*. Amsterdam, 1610.

Ilhas de Zargo = Eduardo C. N. Pereira, *libas de Zargo*. Porto s/d.

Leges = *Portugaliae Monumenta Historica. Leges et consuetudines*.

Léxico — Fritz Krüger, *El léxico rural del Noroeste Ibérico*. Madrid, 1947.

Madeira = Káte Brüdt, *Madeira, Estudo linguístico-etnográfico*. Lisboa, 1938.

Museu = J. Leite de Vasconcelos, *Historia do Museu etnológico português*, Lisboa, 1915.

RL = *Revista Lusitana*.

Saudades = Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*. No *Arquivo da Universidade de Lisboa*, IV-212.

Vocabulário = D. A. Tavares da Silva, *Esboco dum vocabulario agrícola regional*. Lisboa, 1944.

II. A fiagáo na Ilha Terceira

A fiação do linho e da lã na Ilha Terceira data do inicio do povoamento.

O linho sempre se cultivou, mas Gaspar Frutuoso, em fins do século XVI, referindo-se à Ilha de São Miguel, diz que, ao principio, era linho mourisco, e, por ser muito duro ou muito barato o paño importado do continente, o não fiavam, servindo-se dele para acender o forno. Só depois da introdução do linho galégo, passaram a fia-lo ¹.

Não há noticia de se ter dado facto semelhante na Terceira, onde a toponímia revela a cultura na segunda metade do século XV. O verídico e bem documentado Ferreira Drumond, baseado em documentos da época que leu, informa ter um Gonzalo de Ximenes, vindo da Ilha da Madeira, trocado o seu nome por Gonzalo de Linhares do lugar (Vale de Linhares) onde se aposentou ².

A cultura desenvolveu-se pelos tempos adiante, mas parece nunca ter chegado para as necessidades.

No século XVI importava-se nas ilhas paño de linho de Lamégo ³, e, em 1669, como se vê duma postura da Câmara de Ponta Delgada ⁴, iam busca-lo a São Miguel, embora por urna postura do mesmo concelho e século fosse proibida a saída ^{5 6}, proibição renovada em 1783, por ser esse o “único comercio com a América de onde vinha ouro e outros efeitos” ⁶.

O dízimo do linho no concelho de Angra rendeu, em 1694, 58\$000 reis ⁷, e urna postura da respectiva Câmara, de 1788, obrigava os lavradores á cultura ⁸.

Lã também não faltou.

O Infante D. Henrique, antes de iniciar o povoamento do arquipélago.

¹ *Saudades da Terra*. Lº IV, vol. 2º pág. 48, Ponta Delgada, 1926.

² *Annaes da Ilha Terceira*. vol. I, Angra do Heroísmo, 1850, pág. 44.

³ *Inéditos da História de Portugal*, vol. V, pág. 555.

⁴ *Archivo dos Açores*, vol. XIV, pág? 172.

⁵ *Archivo*. XIV-361.

⁶ *Archivo*, XIV - 261.

⁷ *Archivo*. IV - 149.

⁸ *Livro único das constituções e posturas*. . . Anno de 1788, ms. do Arquivo da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

mandou deitar gado ñas ilhas, que nelas bem se deu e multiplicou. A Terceira veio para esse fim Jacome de Bruges e trouxe carneiros ⁹.

Quanto ao processo de fiar o linho há a distinguir o linho da lã. O linho fia-se com a roca e o fuso.

Como na Madeira ^{10 11} e em várias regiões do continente ⁿ, a *roca* é sempre de cana. Rocas de madeira nem de forma mais primitiva, simples ramo de arvore naturalmente esgalhado numa das extremidades, não se usam nem alcancei noticia de se terem usado.

No terço superior de urna cana de cerca de 1,20 de comprimento (*cabega da roca*) fazem quatro ou mais incisões longitudinais, paralelas (*rachas* ou *aspas*) de cerca de 0,20 a 0,30 que afastam, metendo-lhe no meio, a formar bojo, um pedazo de sabugo (*tôco*) da maço de milho cu de casca de cabala (siso).

A porção de linho a fiar que se põe na roca (*estriga*), ou de estôpa (*armo*), é segura com urna correia (*correia*), preza à roca com urna agulheta de cana ou osso, no geral tirado da aza da galinha (*agulheta*).

A parte inferior da roca mete-se no coz da saia ou, menos frequentemente, de baixo do braço esquerdo. Com a mão esquerda vai-se puchando o linho, ou estôpa, passado pelos lábios para o humedecer de saliva e fiar, e, com a mão direita faz-se girar o fuso onde o fio se enrola. O fuso está sempre solto e nunca é preso à roca.

Os irmãos Bullar (1838-39) descrevem a fiação na Ilha de São Miguel por forma semelhante: ‘As mulheres, bem como os homens, têm grandes bôcas que o uso constante da roca e do fuso ainda torna maiores, deformando-lhes os lábios inferiores. Sentadas ou de pé, às portas dos casebres, ou andando ao sol, vêem-se sempre as mulheres e as raparigas fazendo uso daquelas peças de fiar, torcendo e molhando o linho macio com a mesma rapidez e calma dos aldeãos italianos. Anda-lhes o linho constantemente entre os lábios e os dentes, resultando disto que o beio inferior descaí e fica grosso e torcido. Em mais de um sentido pode dizer-se que elas vivem da mão para a boca’¹².

O *fuso* é todo de madeira. Consta de urna haste de 0,35 de comprimento (*pau do fuso*) levemente mais grossa numa extremidade. Junto

⁹ Drumond, *Annaes*, 1-22.

¹⁰ Káte Brüdt, *Madeira*, pág. 333.

¹¹ Vergilio Correia, *Etnografia artística*. Barcelos, 1937, pág. 164; Guilherme Felgueiras, *Espádelas e esfolhadas*, Gaia, 1932, pág. 38.

¹² Joseph e Henry Bullar, *Um inverno nos Azores*. Trad. de J. H. Anglin, Ponta Delgada, 1949, pág. 123.

a esta» agujada na ponta para poder girar, enfiam urna rodela de madeira (*roda do fuso*).

A porção de linho ou estopa fiada diz-se *ma^aroca*.

As mulheres reúnem-se á noite em casa de urna délas para fiaí. Sentam-se no chão em esteiras e vão conversando e fiando. A reunido chamam numas localidades *seráo* e noutras *fiáo*.

O fio é torcido com auxilio de fuso.

Para isso prendem num tirante do tecto um gancho de metal, onde passam um ou dois fios, e vão os torcendo entre as palmas das mãos e enrolando no fuso, que neste caso tem a rodela bem no extremo e urna ranhura (*barba*) na outra extremidade, onde se prende o fio. Não raro aproveitam um fuso velho que adaptam, quebrando-lhe a ponta.

Para fiar e ensarilhar a *la* (Altares) usam um fuso sem rodela (*fusa*)¹³, mais pequeno e grosso que o outro.

A *lã* é ordinariamente fiada á mão com o fuso. Nalgumas localidades empregam a *roda*, que adeante se descreverá.

Em tudo o mais seguem processos semelhantes aos indicados para o linho.

As meadas são feitas com o *sarilho*, que é dum só tipo, urna haste de madeira, ou mais vulgarmente de cana, de cerca de 0,^m60 de comprimento, atravessada por duas pequenas estacas (*cruzêtas*) em sentidos opostos, onde se passa o fio.

A parte em que se pega no sarilho diz-se *máo*, e a parte superior *nariz*.

O sarilho em forma de roda¹⁴ não aparece, e o usado é semelhante ao madeirense^{15*} e de outras terras portuguesas.

As meadas tiradas do sarilho são metidas na *dobadoura*, de que há também um único tipo igual ao da Ilha da Madeira, para fazer o novelo, ao qual, sendo grande, chamam nalgumas freguesias *bogoxo*¹⁰.

Consta a *dobadoura* duma haste de madeira vertical (fuso) agujada na extremidade superior (*nariz*), cravada numa caixa ou tabuleiro (*pé*). No fuso enfiam-se duas cruces de bracos iguais (*cruzêta de cima* e *cruzêta*

¹³ Sobre a palavra *fusa*, Krüger, *O linho no Vale do R. Ibias na Miscelânea de estudos á memoria de Claudío Basto*. Porto» 1948, pág. 201.

¹⁴ Carlos Lopes Cardoso. *O linho em Cete, no Douro Litoral*, 3-série, V-42 (Porto, 1949).

Jorge Dias, *Vilarinho da Furna*. Porto, 1948.

¹⁵ Káte Brüdt. Obra citada.

¹⁰ Cândido de Figueiredo registra *bogaxo* pequeno novelo.

de baixo), régua de madeira, ligadas entre si por quatro varas paralelas verticais fixas (*varas*) cravadas junto ao extremo de cada uma das cruces. No centro da cruzeta de cima há um pequeno encaixe para o nariz do fuso (*concha*).

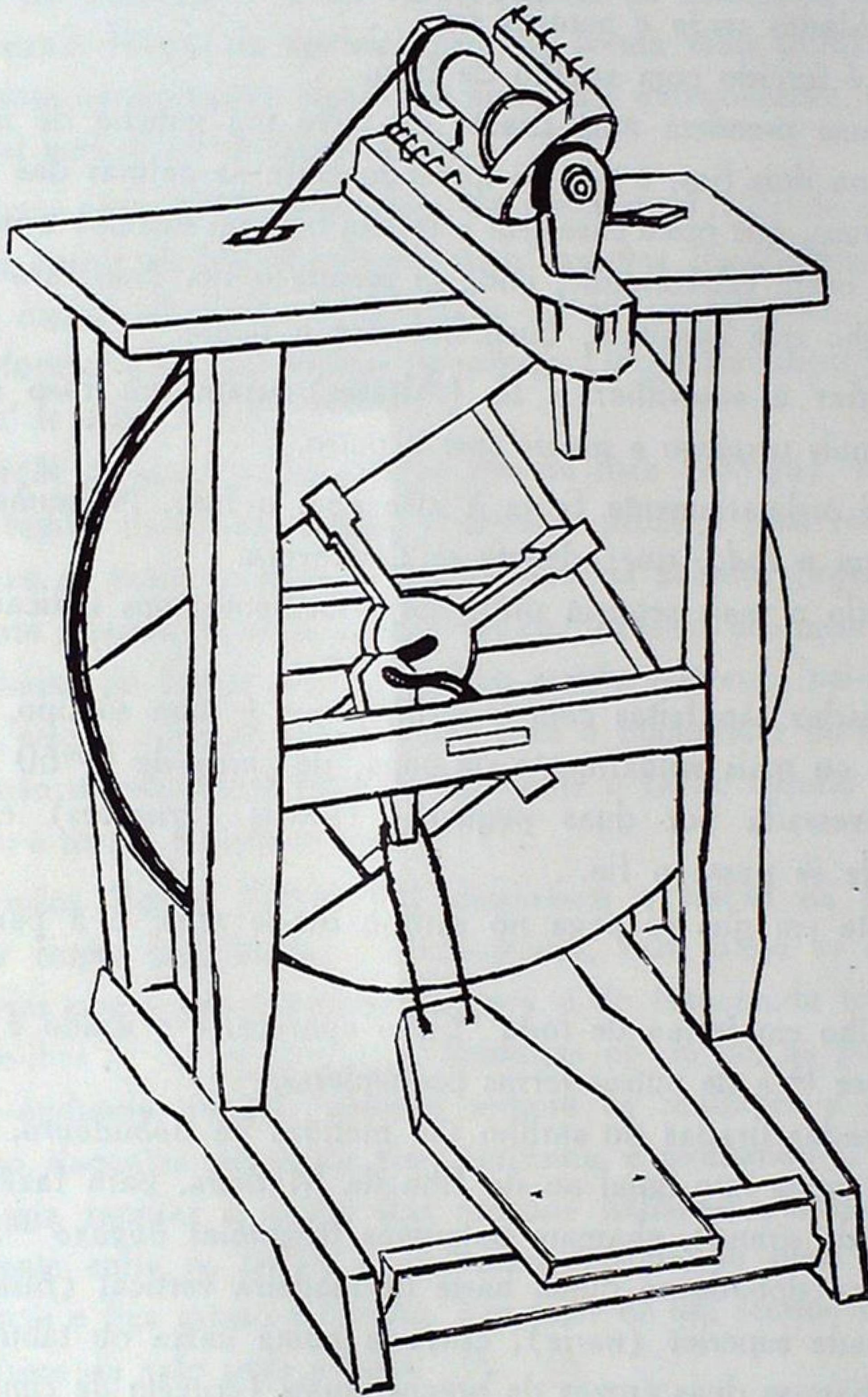


Fig. 2

A unidade peso do linho depois de fiado é a *pedra*, e da la a *libra*.¹⁷ Nas ilhas dos Azorês aparece a *roda de fiar* /a, pouco usada no continente, bem como na Península Ibérica¹⁷. (Fig. 2).

¹⁷ Krüger, loc. citado.

Alcansei noticia déla no Pico, Graciosa e Flores, não sendo conhecida em São Miguel onde já Webster, em 1828, dizia não a ter encontrado¹⁸.

Há, ou houve, dois tipos: a *roda de mão*, hoje posta de parte, e a *roda de pedal*.

Não consegui noticias precisas da época da sua introdução na Tercei-

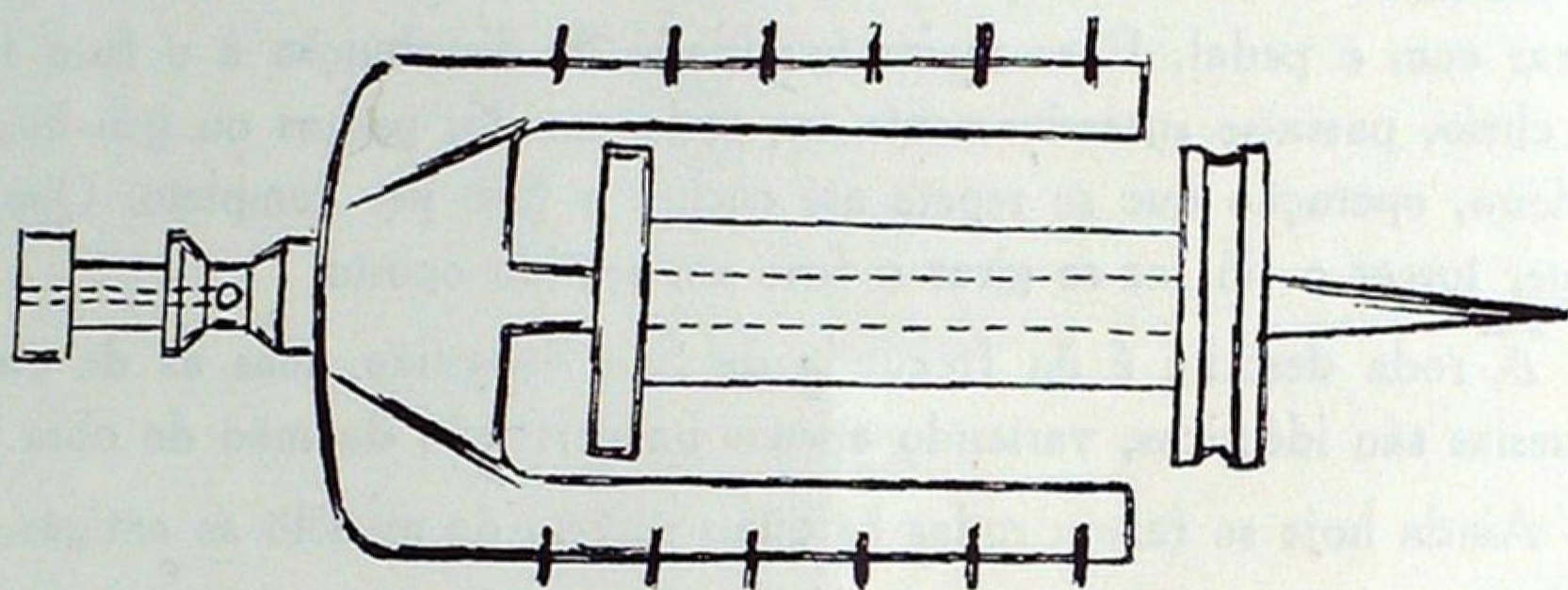


Fig. 3

ra, mas, pelo que colhi na tradição, deveria ter sido pelo menos há um século.

De onde veio é que nada se sabe. Na Ribeirinha julgam-na trazida das ilhas de baixo (ilhas de Oeste) sem indicarem qualquer facto ou razão justificativa.

A roda terceirense, que nalgumas freguesias rurais se não emprega, compõe-se de urna pequena mesa de madeira com 0,48 x 0,21 de ta^a e quatro pés de 0,57 de altura, entre os quais gira urna roda com quatro raios de 0,44 de diâmetro, acionada por um pedal.

Sobre a mesa estão fixas ao alto a urna distancia de 0,26, numa régua, duas pequenas planchas verticais de 0,25 de altura, entre as quais gira enfiado num eixo de ferro prezo às planchas um carrêto de madeira (*fuso*), ligado por um volante de correia ou corda á roda do pedal, que lhe imprime movimento de rotação. A prancha está aplicado um parafuso de metal, que a fixa á mesa e permite esticar ou alargar o volante. O fuso tem 0,15 de comprimento e gira dentro dum arco em forma de u, de madeira com pequenos pregos enganchados ou ganchos de metal (*caneleira*),

¹⁸ Archivo dos Agóres, XIII - 38. - 38.

para neles passar o fio e se distribuir igualmente em todo o comprimento do fuso que, depois de cheio, se desenfia do eixo. Este num dos extremos está encaixado na prancha vertical e no outro apoiado numa ranhura curva fechada superiormente por urna estreita tira de couro preza por urna eravelha de madeira.

Para fiar enfia-se a ponta do fio feito á mão num orificio existente na extremidade do fuso e prende-se a ponta na outra extremidades A lá fica ñas mãos da fiandeira que a vai fiando e enrolando o fio no fuso posto a girar com o pedal. Para maior igualdade de distribui^{ção} e o fuso ficar bem cheio, passa-se sucessivamente em cada um dos pregos ou ganchos do caneleiro, operado que se repete até encher o fuso por completo. Quando se quer torcer o fio faz-se girar o fuso em sentido oposto.

A roda descrita é da freguesia de São Sebastião, mas as de outras freguesias são idénticas, variando apenas na perfei^{ção} da ma^o de obra.

Ainda hoje se fazem rodas as quais servem de modelo as antigas.

Infelizmente não dá^o, ou não^o conseguí sabe-los, nomes especia^{is} a cada urna das partes da roda, além do *fuso* e *caneleiro*, pois talvez ilucidassem sobre a origem da máquina.

Atenta a sua pequena difusão no continente e a fraca semelhan^{ça} da terceirense com as rodas, aliás pouco minuciosamente descritas, que nele se usam e de que tenho conhecimento, inclino-me a crer, sem maior fundamento contudo, que teria viudo do estrangeiro para a Terceira, ou para outra das ilhas do Arquipélago de onde passaria áquela.

No século XVI eram estreitas as relan^{ças} de todas com a Flandres por causa do comércio do pastel, e no século XVII a Terceira era demandada por navios mercantes da Franca levando e trazendo mercadorias. Na primeira metade do século XIX afluíam navios da Inglaterra a carregar laranja, que entáo se produzia e exportava em larga escala. Possivelmente teria viudo de qualquer desses países onde a roda era muito usada.

Para notar é, porém, que iguais ou ainda mais estreitas relações com eles tinha São Miguel onde a roda não se encontra.

O problema da sua origem fica, por tanto, em aberto e a sua solu^{ção} só conjecturalmente poderá ser atingida pela compara^{ção} da roda a^oriana com as rodas usadas em Inglaterra, na Flandres e na Franca o que, por falta de elementos informativos, excede as minhas possibilidades.

Com a decaden^{cia} da tecelagem caseira, veio a da fia^{ção}.

Hoje pouco se fia e as mulheres que a isso se dedicam não tecem. A

fiar do linho, a bem dizer, já se não pratica por ele ter sido substituído em muitos usos, inclusive na tecelagem, pelo algodão já fiado, e só a lã continua a fiar-se¹⁹.

LUIZ DA SILVA RIBEIRO

Angra do Heroísmo.

¹⁹ Sobre os nomes dos instrumentos de fiar e suas partes. Guilherme Felgueiras, loc. citado; Vergílio Correia, loc. citado; Krüger, *El léxico rural del Noroeste Ibérico*, Madrid, 1947, pág. 114; Helmuth Messerschmidt, *Haus und Wirtschaft in der Serra da Estrela*. Em: *Kolkstum und Kultur der Romanen* IV, 280; Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. V, pág. 19 e VI, pág. 216; *Revista Lusitana*, vol. XXXV 278 e vol. XXXVI -156; José Leite de Vasconcelos, *De terra em terra*, Lisboa, 1927, etc.